

ARTE CONTEMPORÂNEA – RUMOS E DESAFIOS

Aureo Guilherme Mendonça
aureo.guilhermemendonca48@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/2172598678026175>

RESUMO

O presente artigo propõe levantar algumas questões acerca do papel da arte na contemporaneidade. O artista no olho do furacão neo-liberal, pressionado pelo avanço de uma onda reacionária e que tem retomado a ampliação do fosso que separa a minoria privilegiada da grande massa de miseráveis que morre de fome ou vítima da enorme violência urbana cujo crescimento é a marca registrada do nosso tempo. Para Baudelaire, desde o século XIX, a produção artística tem a obrigação de assumir seu papel de contestação dessa desigualdade e injustiça. Ao concordarmos com o poeta colocamos nosso olhar sobre os eventos que estão marcando nosso itinerário artístico e suas marcas sobre a História.

Palavras-chave: Arte; Crise; Sociedade; Mídia.

Estamos vivendo uma época de idéias conturbadas, em que o caos parece ter se instalado em todos os cantos do planeta, mas esses momentos críticos são por outro lado, excelentes para avaliarmos nosso desempenho como cidadãos deste mundo. Afinal, temos algum poder para alterar os rumos desta história? Ou somos meros instrumentos de um poder maior e avassalador que decide impunemente os nossos destinos? Não podemos nos esquecer que estou fazendo essas indagações do interior de uma universidade pública brasileira, que vem sofrendo toda a ordem de restrições, inclusive com redução drástica de recursos para o campo da pesquisa. Fica muito difícil exercer, em sua plenitude, nossa capacidade de produzir idéias com o espaço acadêmico tão aviltado. É necessário e urgente encontrar saídas para essa crise específica que vem enfrentando a universidade brasileira. E existem saídas possíveis no interior da hegemonia mundial das práticas neo-liberais? Fica muito claro que o processo de depauperização da universidade pública tem como objetivo desmontar anos de trabalho e pesquisa sérios para desqualificá-la e assim consolidar um processo de privatização da educação. E então? Como sair desse difícil labirinto?

O desenvolvimento de uma consciência crítica que permite ao homem transformar a realidade se faz cada vez mais urgente. Na medida em que os homens, dentro de sua sociedade, vão respondendo aos desafios do mundo, vão temporalizando os espaços geográficos e vão fazendo história pela sua própria atividade criadora. (Freire, Educação e mudança).

Com essa fala de Paulo Freire eu crio a ponte para ligar a questão da crise universitária brasileira com o tema deste artigo: “Arte Contemporânea – Rumos e Desafios”. Proponho como questão-desafio pensar a arte contemporânea como substrato necessário para tentarmos superar essa crise da universidade pública. Olhando de perto podemos perceber que a crise brasileira de um modo geral é também uma crise no campo das idéias, afinal tivemos um predomínio de um Estado autocrático em toda a nossa história, com a incidência de algumas fases abertamente ditatoriais, como o Estado Novo de Vargas e o regime militar pós 64. Nossa democracia é um tecido puído e que está se esgarçando ainda mais neste momento de exceção que estamos vivendo. E fica muito difícil construir um campo autônomo de pensamento quando os mecanismos neoliberais usam todo o seu esforço midiático para provar que o melhor dos mundos pode ser o instável capitalismo globalizado. Ao mesmo tempo a nossa história não nos ajuda muito, na medida em que não vivenciamos nenhuma experiência concreta fora dos limites do capitalismo, em especial sob a chancela do Tio Sam. A alternativa socialista circulou sempre em círculos pequenos e apenas no âmbito da teoria, pois não chegamos a vivenciar qualquer hipótese de governo socialista. A nossa esquerda oscilou sempre entre um espaço de maior ou de menor aceitação para suas idéias de uma sociedade mais igualitária. De qualquer forma é inegável que durante muito tempo o socialismo encarnou a idéia de utopia, acalentando os sonhos de uma boa parte da nossa população. No âmbito da história mundial foi decisivo o episódio da queda do muro de Berlim e a ampla divulgação da imprensa ocidental em se apressar em anunciar a morte definitiva do socialismo. Hoje, sabemos perfeitamente que naquele embate da Guerra Fria, não estava se travando uma disputa Capitalismo X Comunismo, e sim o que havia mesmo era uma guerra ferrenha no interior do próprio capitalismo por disputa de territórios estratégicos, na medida em que a ex União Soviética não passava, na verdade, de um arremedo de Capitalismo de Estado, com a sua volumosa burocracia produzindo uma elite muito rica e poderosa, enquanto a população seguia explorada e pobre. Ou seja, o

socialismo não poderia ter sido eliminado porque ele não existia de fato no país que liderava o Leste Europeu. Ao mesmo tempo temos depoimentos de pessoas que viveram na antiga Iugoslávia e que falam, saudosas, de um tempo em que as pessoas viviam com mais igualdade de condições e que a guerra de Seravejo teria jogado isso tudo por terra. Não é nosso intuito mergulhar em um estudo acerca da história do socialismo na Europa, queremos apenas indicar que os fatos não são tão simples como foram apresentados por uma parte da imprensa ocidental. De qualquer forma somos, hoje, o resultado desse discurso fragmentado do passado e, por isto, temos que reavaliar os conceitos que construímos a partir de premissas nem sempre confiáveis. Na visão do pensador húngaro István Meszaros, o século XXI terá que se decidir por uma alternativa ao capitalismo caso pretenda sobreviver aos descabros do capitalismo globalizado, levantando essa questão ele se utiliza da afirmação categórica de Rosa de Luxemburgo: “socialismo ou barbárie?” E essa questão teria que ser pensada muito rapidamente antes que o mundo seja destruído pela ânsia devoradora do capital e não nos reste nem a barbárie como opção.

Agora nós vamos retomar dois episódios ocorridos no ano passado e que tiveram uma grande repercussão tanto na mídia nacional, quanto na internacional. Foram dois eventos artísticos e que servirão de base para darmos continuidade ao debate que serve de escopo a este artigo. O primeiro ocorreu em Porto Alegre, foi a exposição Queer Museu que trabalhou os temas da diversidade, especialmente relacionados ao segmento LGBT. Como já sabemos ocorreu um movimento apoiado por grande parte da mídia que exigia o fechamento da exposição sob a alegação de que algumas obras feriam a moral, os bons costumes e desrespeitavam símbolos religiosos. A curadoria apresentou uma série de contra-argumentos procurando evidenciar a sandice dos ataques que estavam sofrendo, mas a virulência das agressões acabou vencendo sobre a possibilidade de respeito ao bom senso. O segundo episódio, igualmente constrangedor, ocorreu no MAM de São Paulo, a também muito difundida performance do artista Wagner Schwartz, que, a partir de sua nudez propunha uma interação do público com o seu corpo, buscando inspiração na obra de Lígia Clark, que buscava estimular nas pessoas a exaltação dos seus sentidos, em performances de viés sensorial. A virulência dos ataques em São Paulo não foi menor do que em Porto Alegre; a impressão é que estávamos diante de uma ação coordenada com o propósito de amesquinhar a arte contemporânea e desfazer completamente qualquer possibilidade de algum artista conseguir tocar

na alma do seu público e transformá-lo em um ser mais consciente diante da vida. Vamos agora ver mais de perto cada um desses momentos.

A exposição de Porto Alegre veio abrindo a questão dos arraigados preconceitos contra a população LGBT e tinha o banco Santander como principal promotor do evento. As pressões para o fechamento da exposição partiu de pessoas que, em sua maioria, não tinham o hábito de frequentar esse tipo de ambiente cultural, ou seja, as artes visuais nunca teriam sido parâmetro para o desenrolar das suas vidas; mas exatamente essas pessoas se arvoraram como defensoras da moral e dos “bons costumes” e exigiram que o banco responsável pela apresentação retirasse o seu apoio, o que significaria acabar imediatamente com o evento. O Santander, obviamente, acabou atendendo a esse clamor, inclusive por que foi ameaçado de ter uma saída expressiva de correntistas. Vejam que estamos aqui de volta à nossa discussão acerca do capitalismo, porque, afinal, estávamos diante de um títere do capital, cuja principal questão não é propriamente o apoio à arte, mas a possibilidade de lucros sempre crescentes. Essa questão nos remete à outra que é a garantia das fontes de promoção das artes. Quando se defende a necessidade de maior atuação dos entes públicos nessas manifestações culturais estamos pensando exatamente nesse fato de ficarmos submissos ao poder econômico e os riscos que isso implica. A verba pública também possui as suas questões, mas ela tem uma ingerência muito menor sobre a atuação do artista, o que significa maior liberdade de atuação na produção de nossos trabalhos. O Santander se manifestou da seguinte forma no ato do fechamento do Queermuseu:

O objetivo do Santander Cultural é incentivar as artes e promover o debate sobre as grandes questões do mundo contemporâneo, e não gerar qualquer tipo de desrespeito e discórdia. Nosso papel, como um espaço cultural, é dar a luz ao trabalho de curadores e artistas brasileiros para gerar reflexão. Sempre fazemos isso sem interferir no conteúdo para preservar a independência dos autores, e essa tem sido a maneira mais eficaz de levar ao público um trabalho inovador e de qualidade.

Desta vez, no entanto, ouvimos as manifestações e entendemos que algumas das obras da exposição Queermuseu desrespeitavam símbolos, crenças e pessoas, o que não está em linha com a nossa visão de mundo. Quando a arte não é capaz de gerar inclusão e reflexão positiva perde seu propósito maior, que é elevar a condição humana. (Santander, publicado na grande imprensa em 10/09/2017).

Vejam que eles deixam muito claro qual é o seu real papel como apoiadores culturais e o quanto eles se emaranham em um cipal de contradições. Afinal, o objetivo não é “incentivar as artes e promover o debate sobre as grandes questões do mundo contemporâneo”? Como atingir esse objetivo, se eu escuto apenas uma parte das manifestações acerca daquela exposição? Outra coisa, o que será que os responsáveis pelo Santander Cultural entendem pela expressão “elevar a condição humana”? Na concepção de todos os que defendiam a continuidade do evento, as obras ali expostas cumpriam perfeitamente esse propósito. Em suma, esse episódio representou muito bem o quanto podemos ficar à mercê do grande capital na hora de nos manifestarmos culturalmente, afinal, todo o apoio é possível, contanto que não afete a capacidade de geração de lucros desses grandes conglomerados econômicos.

Quando nos voltamos para o episódio da performance do MAM de São Paulo, constatamos algumas semelhanças, especialmente no tocante à virulência dos ataques à manifestação artística quando o comparamos com a Exposição de Porto Alegre; mas constatamos também alguma diferença entre os dois eventos, especialmente no tocante às entidades promotoras. No caso do MAM podemos constatar o fato desse museu ser um ente público, mesmo que parte da sua sobrevivência venha de um sistema de doações. Esse fato permitiu que o grupo diretivo do MAM tivesse autonomia suficiente para resistir às pressões descabidas do MBL e congêneres. Também o museu de São Paulo conseguiu aproveitar melhor o apoio da classe artística que fizeram uma bela campanha, como, por exemplo, a divulgação do slogan “Somos Todos MAM”, acompanhado de um intenso movimento contra a censura e pelo respeito à autonomia dos artistas. Ou também esse cartaz :

“Cultura resiste
Cultura ensina
Cultura transforma
Cultura reflete

Venha passar este fim

De semana no MAM

#censuranao

O importante a salientar é que São Paulo tem uma tradição em torno da arte que remonta ao início das Bienais (1951) e esse fato, sem dúvida, deve ter contribuído muito para esse melhor aparelhamento da classe artística em defesa da arte, tão fortemente ameaçada por essa onda de retrocesso que estamos vivenciando. De qualquer forma é inegável que também em São Paulo o processo de produção artística foi profundamente agredido, mesmo tendo recebido um grande respaldo tanto da classe artística, quanto de alguns outros segmentos no plano da esfera intelectual, especialmente vindos das universidades de São Paulo e também de outras partes do país. Não podemos esquecer que autoridades de ponta, como o prefeito Dória, emitiram pronunciamentos contrários à performance em uma demonstração de total desconhecimento dos fundamentos que foram responsáveis pelo evento. O que vimos na grande imprensa, tanto do Dória, quanto de alguns outros políticos, foi um show de disparates em uma clara demonstração da soma perfeita de ignorância e má fé. Enfim, os dois episódios aqui relatados deixam muito claro o quanto despencamos ladeira abaixo do ponto de vista de nossa atuação no campo da arte como resultado desse sortilégio que vem unindo grupos políticos reacionários que se utilizam de um senso comum gerado pelo distanciamento que uma boa parte da nossa população tem quanto se trata especialmente do campo das artes visuais.

Nesse ponto considero fundamental retomarmos as questões levantadas no início deste artigo. E a principal delas aponta a possibilidade de saídas para a crise da universidade a partir do desempenho efetivo das artes. Os dois episódios aqui narrados podem servir como parâmetro nessa nossa discussão e tentaremos a partir deles extrair algumas considerações que possam contribuir para alimentar essa nossa busca por saídas.

1. A nossa primeira constatação em ambos os casos é que ficou bem evidenciado que a arte não se reduz à um puro entretenimento e que ela pode vir com uma força altamente transformadora a partir do grau do incômodo que provoca em seu público. Ou seja, tanto em

Porto Alegre, quanto em São Paulo a arte cumpriu muito bem com esse seu papel não importando, inclusive, que o seu ciclo de duração tenha sido interrompido, pois realmente ele se estendeu através de todos os atos que conseguiu provocar e várias sementes foram plantadas gerando dúvidas fundamentais para aportes futuros.

2. Ficou também claramente evidenciado a importância de fortalecermos as bases do ente público e lutarmos contra esse processo de privatização provocado por essa onda neo-liberal que crassa hoje pelo planeta. A universidade deve continuar sendo pública e de qualidade. Quanto aos centros culturais geridos por bancos privados devemos criar uma legislação que impeça que os abusos do poder econômico bloqueiem o processo de liberdade criativa da arte.
3. Uma questão fundamental que pode apimentar mais essa relação da arte com a universidade e que está implícita nos dois episódios remonta, na verdade, a Kant, que com seu *Crítica do Juízo* procura deixar claro o papel fundamental da arte como base para ativar o pensamento científico. Arte e ciência interagindo seus percursos como forma de aprimoramento de ambos. No campo da arte contemporânea o aporte tecnológico é mais do que evidente. A universidade necessita romper com seus padrões exclusivamente cartesianos e partir para esse salto de qualidade metodológica, que implica em incentivar o crescimento de trabalhos transdisciplinares em que ciência e arte possam conviver nos mesmos espaços de pesquisa.
4. Uma outra questão que aflora a partir dos episódios relatados é a necessidade de avançarmos com um intenso debate público a partir de projetos de extensão da própria universidade sobre o papel da arte contemporânea. O que pudemos constatar foi um grande desconhecimento de como funciona a produção artística contemporânea e desta forma uma boa parte da nossa população foi alvo fácil de sujeitos mal intencionados politicamente, que se utilizaram da ingenuidade dessas pessoas para dissolver aquilo que eles consideravam como focos de subversão do que convencionaram como ordem social a ser preservada.
5. Devemos também considerar a possibilidade de ampliação dos projetos realizados pela universidade no campo efetivo das exposições de arte. Nossa academia possui Escolas de Belas artes, Escolas de Comunicação, Cursos de Licenciatura em Arte, Cursos de Produção Cultural e outros congêneres, que podem ampliar suas atividades artísticas junto ao público e assim fazer crescer o papel transgressor da arte, ampliando o grau de consciência e espírito

crítico da nossa população. A universidade não pode abrir mão do seu espaço decisivo de influência sobre a sociedade, porque afinal, isto significa uma espécie de prestação de contas à sociedade pelas verbas que sustentam a academia e que são provenientes dos impostos pagos pelos cidadãos deste país.

Acredito, como Bourdieu, que *o discurso sobre a obra não é um simples adjuvante, destinado a favorecer-lhe a apresentação e a apreciação, mas um momento da produção da obra, de seu sentido e de seu valor* (BOURDIEU, 1996, pág. 197). Nessa linha de pensamento esperemos que aflore esse sentido e valor da obra que praticamente sustentam uma nova forma de percepção estética, mais integrada ao ser, incorporada aos sentidos e instituindo uma vivência mais consciente e solidária. Ao mesmo tempo devemos sempre lembrar de nos afinarmos com o nosso exato momento para sabermos nos movimentar corretamente e não nos perdermos em meio ao que se diz caos. Michel Maffesoli nos indica algo nesse caminho ao defender as especificidades do nosso tempo, especialmente pelo crivo da pós-modernidade:

A grande mentira reina absoluta na sociedade estabelecida. Escutemos aqui Marcel Proust: “De tanto mentir para os outros, e também de mentir para si mesmo, não mais percebemos que mentimos”. Está dito e sacramentado! É essa mentira que é preciso esforçar-se para ultrapassar, se, por honestidade intelectual, se quer estar alinhado com a ambiência do momento, com o ruído do fim do mundo. (MAFFESOLI, 2012, pág. 4)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. São Paulo: Martins, 2009.
- CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea**. São Paulo: Martins, 2005.
- DELEUZE, Gilles. **A filosofia crítica de Kant**. Lisboa: Ed. 70, 1963.
- DUVE, Thierry de. **Au nom de l'art – Pour une archéologie de la modernité**. Paris: Lés Éditions de Minuit, 1989.
- _____. **Kant after Duchamp**. Londres: The MIT Press, 1996.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense, 2014.
- _____. **O tempo retorna**. Forense, 2012.
- MÉSZAROS, István. **O século XXI – Socialismo ou barbárie**. São Paulo: Boitempo, 2003.
- _____. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- RANCIÈRE, Jacques. **O destino das imagens**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SOBRE O AUTOR

Aureo Guilherme Mendonça é graduado em História pela UFF e em Pedagogia pela UGB. Possui Mestrado em História e Crítica de arte pela Escola de Belas Artes da UFRJ e Doutorado em Literatura Comparada pelo Curso de Letras da UFRJ. Atualmente é professor associado do Curso de Produção Cultural do Pólo Universitário de Rio das Ostras/UFF, atuando na área de Teoria e Crítica de Arte. Criou em 2011 o GEPAT (Grupo de Ensino e Pesquisa em Arte e Tecnologia) onde vem trabalhando com projetos que tratam, entre outras questões, do polêmico conceito de inclusão digital em escolas públicas da região. Em fevereiro de 2013 foi aprovada em reunião departamental a criação de um laboratório para pesquisas no campo de atuação do GEPAT. Em 2017 o autor concluiu um Pós-doutoramento na área de Educação e Psicopolítica junto ao Departamento do HCTE da UFRJ em parceria com o professor Evandro Vieira Ouriques.

Artefactum

Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia